

CCT – UNIFESO no 49º Congresso Brasileiro de Geologia (49 CBG)

Claudio Amaral

O 49º Congresso Brasileiro de Geologia, realizado pela Sociedade Brasileira de Geologia, em agosto de 2018, reuniu membros da academia, de empresas, profissionais e estudantes em palestras, cursos e mesas redondas, e em excursões técnicas. Logo após a realização do congresso, a sociedade brasileira, aterrorizada, assistiu ao avanço do incêndio que destruiu o Museu Nacional e reduziu a cinzas a instituição bicentenária que representava a cultura das geociências no Brasil.

Dentre as excursões técnicas do 49º CBG, destacou-se a oferecida no dia 22 de agosto pelo CCT/UNIFESO, intitulada “MEGADESASTRE DA SERRA FLUMINENSE – 07 ANOS DEPOIS”. Quatro localidades afetadas por grandes escorregamentos foram acessadas durante o dia, e, ao final, antes do jantar de conagração dos participantes, ainda houve uma palestra institucional, proferida pelo Professor Heleno Miranda, coordenador do curso de Engenharia Civil.

A primeira parada foi na BR-040, na subida da serra de Petrópolis, junto à Comunidade do Contorno, onde, em novembro de 2017, “surgiu” uma cratera com 30m de diâmetro e 20m de profundidade, que “sugou” 03 casas. Discutiu-se no local (foto 1) a hipótese do acidente estar relacionado à escavação do túnel rodoviário do Consórcio da Nova Subida da Serra, com extensão de 4.6km e inclinação de 6º, que faz parte do projeto de duplicação da rodovia BR-040.



Foto 1: grupo de participantes da excursão no limite superior da cratera.

O segundo ponto vistoriado foi o deslizamento do Quitandinha, na entrada de Petrópolis, ocorrido em 2016. Da estrada BR-040 (foto 2), foi possível observar que o movimento de massa na encosta se deu em fases sucessivas até chegar a sua definitiva forma, caracterizada pelo deslizamento das lascas rochosas de alívio junto à crista direita da escarpa rochosa. Os participantes tiveram ainda a oportunidade de discutir o papel desempenhado por um grande matacão rochoso, disposto na base da escarpa rochosa, que funcionou como uma barreira espetacular do movimento, e impediu um alcance maior da massa deslizada e, por conseguinte, a perda de muitas vidas.

A terceira parada da excursão foi no Vale do Cuiabá, em Itaipava, que foi afetado, em 2011, por uma corrida de massa de detritos que se prolongou por 15km ao longo do Rio Cuiabá. Os participantes tiveram a oportunidade (foto 3) de comparar a largura atual do canal, com alguns trechos já retificados, com a largura após o Megadesastre '11, de observar as feições ainda preservadas da destruição de diversas casas, e de discutir o papel desempenhado por gargantas naturais no desastre, que funcionaram como barramentos temporários ao fluxo de detritos, mas que depois de rompidos, deram origem a “pulsos de fluxo viscoso”, absolutamente destrutivos.

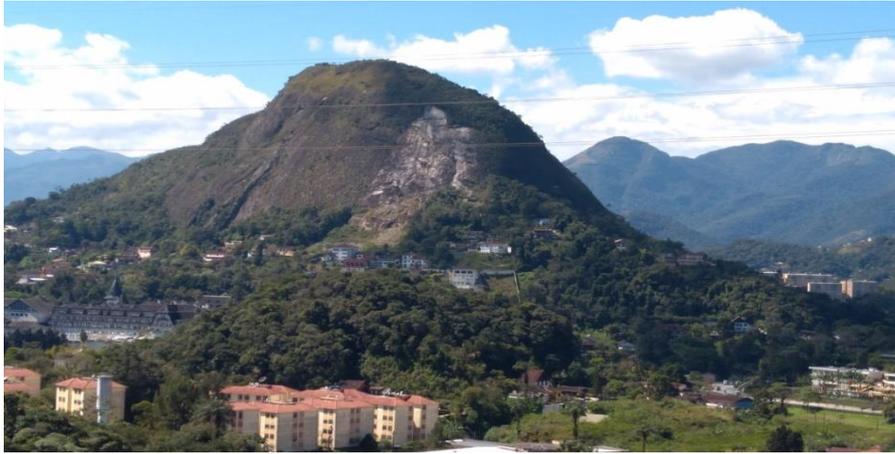


Foto 2: vista frontal do deslizamento do Quitandinha, em Petrópolis.



Foto 3: grupo de participantes numa das pontes reconstruídas sobre o rio Cuaiabá.

A quarta parada foi no Córrego do Príncipe, já em Teresópolis, onde, em 2011, ocorreu uma corrida de massa de detritos que se estendeu por 4.8km. Os participantes tiveram a oportunidade de visualizar os trechos caracterizados por processos de erosão e transporte de blocos e matacões rochosos e material fino, onde os danos às construções foram muito maiores, e também os últimos quilômetros do movimento de massa, onde se deu a deposição deste material, cujos registros ainda hoje são visíveis. Chamou a atenção também, a presença de vários blocos e matacões rochosos (foto 4) que não foram mobilizados em 2011, mas sim, e somente, exumados pelo forte fluxo hidráulico.



Foto 4: Detalhe de uma moradora do local servindo café aos participantes da excursão técnica.